



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People

IBBY

Notícias 11

Nº. 11 Vol. 21 - Novembro de 1999



Em 1994, com o pungente *Cena de Rua*, Angela Lago foi "Hors Concours" do Prêmio FNLIJ na categoria "O Melhor Livro de Imagem" pela segunda vez.

É sobre a importância de promover o encontro da criança com o livro o mais cedo possível, e mais ainda sobre o papel do livro de imagem nesse processo, que a professora portuguesa Maria José Sottomayor nos fala em seu artigo "Um outro presente" (pág. 4, 5 e 6).

Para ilustrar o texto de Maria José, selecionamos ilustrações de livros de premiados pela FNLIJ na categoria "O Melhor Livro de Imagem" desde a criação dessa categoria no Prêmio FNLIJ, concedido anualmente aos melhores livros infantis e juvenis publicados no Brasil. A lista completa dos premiados está na pág. 3. Boa leitura!

Salão do livro infantil

O 1º Salão do Livro para Crianças e Jovens, realizado pela FNLIJ de 5 a 15 deste mês no Rio de Janeiro, teve como principal objetivo chamar a atenção de todos - pais, educadores, mídia - para a importância da literatura infantil e juvenil na formação de uma sociedade leitora.

Há 31 anos a FNLIJ defende a idéia de que só é possível chegar a esse ideal a partir da formação da criança leitora. O 1º Salão, com 51 estandes das editoras mais importantes e cerca de 6 mil títulos expostos, é a concretização do maior sonho de todos da FNLIJ e daqueles que acreditam no papel transformador do livro.

Em janeiro estaremos contando todos os detalhes dessa grande festa da literatura infantil e juvenil.



"A criança pode receber muitas mensagens, mas só quando lê ela recebe uma experiência vital. Por isso volta ao livro, à literatura. Aí ela não busca 'a verdade', busca a verdade do outro para encontrar a sua".

Emília Gallego - presidente da Seção Cubana do IBBY / membro do comitê organizador do *Lectura' 99*, congresso internacional de leitura que acontece em Havana de 22 a 26 deste mês.

FNLIJ leva literatura para televisão

Foi ao ar em outubro a série de literatura do programa “Nota Dez”, exibido pelo canal Futura. Composta de sete módulos e dirigida aos professores de educação infantil, ensino fundamental e médio, essa série foi feita com a ajuda da FNLIJ, que desenvolveu o argumento e selecionou os conteúdos apresentados. Parceira do Futura desde a sua criação, a FNLIJ aposta na capacidade do canal de propagar a literatura infantil e juvenil de qualidade para o maior número de pessoas em todo o país.

A série de literatura do “Nota Dez” teve como objetivo motivar o professor a se tornar um leitor de literatura e, assim, incentivar também seus alunos. No entanto não se pretendeu, em apenas sete etapas, formar professores-leitores, mas aproveitar o potencial da televisão, seu poder de abrangência, neste processo.

Os temas abordados no “Nota Dez” foram: *O livro é uma brincadeira de imagem e som* (8/10), *Além de imaginar e falar muito, agora escrevo e leio muito* (11/10), *Vamos ler juntos vários livros* (13/10), *A literatura está na vida de todos* (15/10), *Sou um leitor* (18/10), *Formarei leitores* (20/10).

Todos os interessados devem ficar ligados, pois a TV Futura deve reprisar os programas. Quem quiser, pode entrar em contato com o canal para adquirir as fitas da série de literatura do “Nota Dez”.

Um Natal com “Livros Animados”

Há oito anos, em viagem à Bienal de Ilustrações de Bratislava, a secretária-geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, encantou-se com um programa de literatura apresentado no evento. Através de recursos de computação gráfica, esse programa transformava os livros em desenho animado.

De volta ao Brasil, Elizabeth começou a buscar parceiros para desenvolver aqui um programa similar. Agora, finalmente, em parceria com a TV Futura, o sonho começa a se concretizar. Batizado de “Livros Animados”, o programa vai ao ar pela primeira vez no próximo dia 24 de dezembro (a TV Globo também exibirá).

A realização do “Livros Animados” se deve em grande parte ao interesse da professora Mônica Pinto, que havia sido apresentada à idéia quando coordenava o programa “Salto pro Futuro”, na TVE. Na TV Futura desde 97, Mônica Pinto empenhou-se em buscar verbas para produzi-lo. A produtora No Ar foi a escolhida para executar a idéia.

A expectativa de todos os envolvidos nesse maravilhoso projeto é de que o programa vá ao ar regularmente a partir do ano que vem. Serão produzidos dez módulos, cada um apresentando dois “livros animados”. Elizabeth Serra explica que a proposta é envolver toda a família e “concretizar o papel do livro como provocador do diálogo”. As situações vividas pelos atores (representando uma família de classe média baixa) mostrarão que o livro pode chegar às famílias por diversos caminhos, seja através da biblioteca, da escola ou dos amigos.

A belíssima vinheta de abertura do “Livros Animados” foi desenvolvida a partir das ilustrações de Marcelo Xavier para seu livro *Asa de Papel* (Ed. Formato). A escolha não poderia ter sido mais apropriada, já que esta obra trata justamente da paixão pelo livro.

Não perca a estréia do programa, no dia 24 de dezembro, com reprise no dia 25. Este é o presente de Natal que a FNLIJ, a TV Futura, a TV Globo e a produtora No Ar oferecem a todos na esperança de contribuir para a formação de um Brasil leitor.

Uma visita especial

Ela ajudou a montar a primeira biblioteca infantil de Lisboa, trabalhou na Biblioteca para a Juventude de Munique, escreve artigos para revistas e participa de congressos em vários países. Vindo da Argentina, onde participava de mais um evento literário, Maria José Sottomayor esteve no Brasil a convite da FNLIJ especialmente para visitar o 1º Salão do Livro para Crianças e Jovens.

Ela recusa o rótulo de especialista em literatura infantil e juvenil e prefere dizer que é apenas uma pessoa interessada em literatura. No entanto, seu extenso currículo denuncia a 'especialização' - ainda que quase tudo na vida desta portuguesa simpática e falante tenha acontecido naturalmente. Formada em pedagogia - Educação para a Infância em Portugal - ela participou da criação da primeira biblioteca comunitária para pequenos e jovens leitores de Lisboa, no início dos anos 60, quando o país ainda vivia sob a ditadura de Salazar.

Foi durante esse período que Maria José travou conhecimento com a dura realidade de uma área pobre da capital portuguesa, onde a maioria da população adulta era semi-analfabeta. As visitas aos pais para conscientizá-los da necessidade de que seus filhos freqüentassem a biblioteca - "muitos não sabiam o que era aquilo, só conheciam livros escolares" - fizeram Maria José perceber que também eles, os adultos, poderiam se beneficiar daquela experiência. Foi assim que, conta ela, "pais 'analfabetos' começaram a aprender a ler com os livros que os filhos levavam para casa".

Mas esse trabalho na biblioteca infantil de Lisboa ainda traria resultados impensados pela equipe da qual Maria José participava. Ao constatar que a freqüência da biblioteca era quase toda de meninos, a pedagoga indagou-os sobre o porquê daquilo. Descobriu então que as meninas cuidavam dos bebês enquanto os pais trabalhavam e por isso não podiam sair de casa.

Como não havia creches na região a solução foi levar todos - meninas e bebês - para a biblioteca. O espaço foi, aos poucos, adaptando-se aos novos freqüentadores. Maria José fala com

alegria da surpresa de descobrir em crianças ainda tão pequenas uma nova possibilidade de trabalhar a leitura.

Para os "bebês-leitores", naturalmente, eram as ilustrações a grande atração naquele objeto - o livro. Talvez tenha sido a partir daí que Maria José tornou-se mais "interessada" na literatura infantil, especialmente em seu aspecto visual. Em pouco tempo ela foi convidada a viajar como bolsista da Biblioteca para a Juventude de Munique, na Alemanha. "Quando recebi o convite, não sabia da existência e da importância da biblioteca", diz.

Em Munique, aproveitou-se do fato de não falar alemão para aprofundar-se no estudo da imagem. "Eu era como as crianças, que só têm a linguagem visual.", conta ela. A partir dessa perspectiva - a do papel da ilustração - começou sua "investigação na relação texto-imagem-projeto gráfico".

Maria José Sottomayor chegou a estudar também no Brasil, onde cursou pós-graduação em Literatura Infantil e Juvenil, na USP, orientada pelo professor Edmir Perroti. Hoje, além dos compromissos como especialista, digamos, 'interessada' em literatura, ela ainda dá aulas em duas universidades de Lisboa.

É para lá que ela leva os livros brasileiros que compra ou recebe de amigos. Segundo Maria José, o estande que a FNLIJ organiza todos os anos na Feira de Bolonha é um de seus maiores fornecedores. Em Portugal não é comum encontrar livros infantis brasileiros à venda. Mas nas duas vezes em que organizou mostras de ilustradores brasileiros em Lisboa, em parceria com a FNLIJ, todos os livros expostos foram vendidos em poucos dias.

É um pouco dessa 'investigação' sobre o papel do livro de imagem que trazemos nas próximas páginas num artigo assinado por Maria José Sottomayor. "Um outro presente", publicado na revista portuguesa *Cadernos para a Infância*, foi cedido ao *Notícias* pela própria Maria José Sottomayor no domingo, dia 14 de novembro, durante sua visita ao **Salão do Livro para Crianças e Jovens**.

Prêmio FNLIJ para Livros de Imagem

O Prêmio FNLIJ, criado em 1974, é concedido anualmente pela Fundação aos melhores livros de literatura infantil e juvenil publicados no Brasil. Desde 1981, o Prêmio conta com a categoria "O Melhor Livro de Imagem - Prêmio Luís Jardim". Veja abaixo a lista completa de livros de imagem premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil:

1981 • COLEÇÃO PEIXE-VIVO, textos de Eva Furnari. São Paulo: Ática, 1980. - MACHADO, Juarez. *Ida e volta*. Il. do autor. Rio de Janeiro: Primor, 1976. (A partir de 1985: Ed. Agir). • 1982 • FURNARI, Eva. *A bruxinha atrapalhada*. São Paulo: Global, 1982. (Col. Só imagem). • 1983 • FURNARI, Eva. *Filó e Marieta*. São Paulo: Paulinas, 1983. (Série Amendoim). • 1984 • LAGO, Angela. *Outra vez*. Belo Horizonte: Miguilim, 1984. • 1985 • LORENZON, Luís. *A menina e o cobertor*. São Paulo: FTD, 1985. • 1986 • LAGO, Angela. *Chiquita Bacana e outras pequinhas*. Belo Horizonte: Lê, 1986. • 1987 • XAVIER, Marcelo. *O dia-a-dia de Dadá*. Belo Horizonte: Formato, 1987. • 1988 • BOAVENTURA, Maria José. *A menina da tinta*. Belo Horizonte: Vigília, 1988. • 1989 • Não houve premiação. • 1990 • FURNARI, Eva. *A menina e o dragão*. Belo Horizonte: Formato, 1990. (Col. As meninas). • 1991 • LIMA, Graça. *Noite de cão*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1991. • 1992 • LAGO, Angela. "Hors Concours" *Cântico dos cânticos*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Col. Lua nova). - FURNARI, Eva. "Hors Concours" *Truks*. São Paulo: Ática, 1992. - CASTANHA, Marilda. *Pula gato!* Aparecida (SP): Santuário, 1992. • 1993 • ALEXANDRINO, Helena. *O caminho do caracol*. São Paulo: Studio Nobel, 1993. (Col. Olho verde). - MELLO, Roger. *O gato viriato*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993. • 1994 • OLIVEIRA, Rui de. *A bela e a fera*. São Paulo: FTD, 1994. - LAGO, Angela. "Hors Concours" *Cena de rua*. Belo Horizonte: RHJ, 1994. • 1995 • BANYAI, Istvan. *Zoom*. Tradução Gilda Aquino. Rio de Janeiro: Brinque-Book, 1995. • 1996 • Não houve premiação. • 1997 • CRUZ, Nelson. *Leonardo*. Il. do autor. São Paulo: Paulinas, 1997. (Col. Sonhar para acordar) • 1998 • Não houve premiação.

“Um outro presente”

Cada criança deveria receber, quando nasce, entre os presentes tradicionais, ursinhos, bonecos de borracha, rocas, etc – um livro.

Por que não damos um livro a um recém-nascido? A principal razão, no meu ponto de vista, é porque não o valorizamos, nem lembramos da relação que a criança pode e deve ter, desde muito cedo, também com esse objeto.

Se pensarmos, quando oferecemos a um bebê de dias um ursinho, ele ainda não vai explorá-lo. Só muito mais tarde há de agarrá-lo, abraçá-lo, embalá-lo, dar-lhe de comer, levá-lo a passear... num jogo simbólico cada vez mais elaborado.

E tudo isto achamos naturalíssimo, não exigindo que o bebê descubra, desde que nasce, todas as potencialidades lúdicas e afetivas que esse brinquedo lhe poderá proporcionar.

E o mesmo se passa com todos os outros que vamos dando à criança.

Mesmo os pais que não tiveram formação como educadores – ou porque não lhes foi dada essa oportunidade ou porque escolheram outra via profissional – sabem, intuitivamente, que há etapas que a criança tem que passar na relação com os objetos/brinquedos que têm a ver com o seu desenvolvimento psicomotor.

E voltamos ao livro. Então porquê o livro não faz parte dos objetos com que ela contacta diariamente?

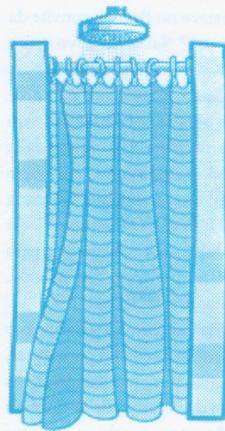
Da mesma forma que o ursinho, os bonecos estão no berço para que a criança se vá familiarizando e criando laços afetivos com eles, porque é que o livro não pode estar?

E, quando falo de livros, falo do livro em suporte normal – papel de alta gramatura (cartão) e cantos arredondados.

Num primeiro momento ela tocar-lhe-á, ainda sem intenção. Mas, quando conseguir agarrá-lo ela está a relacionar-se com o objeto a que chamamos livro. Depois, passa-o de uma mão para a outra, mete-o na boca para melhor o conhecer, deixa-o de lado e volta a pegá-lo. Como disse **Madame Gratiot-Alphanderry** – primeira assistente de **Wallon** – interrogada, durante uma conferência em Lisboa, sobre quando dar livros às crianças: “O mais cedo possível, desde que nascem e quando começam a agarrar os objetos”.

Passaram mais de vinte anos desde esta palestra. E a maioria das crianças, inclusive as que frequentam as nossas creches, continua sem livros. Quando os há, ou não lhes têm acesso, ou, se têm, é aos “livros” cujo suporte é o plástico – os tais de levar para o banho para que o banho seja um imenso prazer...

Estes “livros”, quanto a mim, descaracterizam a noção de livro e de manuseio, para não falar da pobreza de seu conteúdo. Jogam com o adulto desinformado e acrítico, num esquema muito bem arquitetado de *marketing* editorial que visa a criança como consumidor. Vivemos tempos em que, cada vez mais, o mesmo esquema que faz vender coisas de que as pessoas



IDA E VOLTA

Ida e Volta, de Juez Machado, primeiro livro de imagem a receber o Prémio Luís Jardim da FNLJ, em 1981.

não necessitam, funciona também em relação à Literatura para crianças.

Retomamos o livro cujo suporte é o cartão grosso. A criança estabelece com ele, como já vimos, primeiro uma relação lúdica. Depois, mais tarde, irá descobrir e talvez reconhecer e identificar a imagem que está na capa. E vai assim iniciando a leitura da linguagem visual, linguagem que ela domina.

Mas o bebê ainda não se apropriou do conteúdo do livro. Chegará um dia em que, às vezes involuntariamente, conseguirá abri-lo. Isto, é claro, se o adulto lhe der a oportunidade de o manusear, se o livro não ficar fora do seu alcance sob pretexto de que o estraga.

E, ao abri-lo – que é mais um degrau do manuseio que iniciou ao tocar-lhe pela primeira vez – terá prazer em ler as ilustrações relacionadas com o seu cotidiano, se elas forem semelhantes com o que ele conhece e se estiverem perfeitamente legíveis na página.

Mas, quando falamos de vivências, referências ao cotidiano, temos que ter em conta que elas dependem do meio sócio-económico a que a criança pertence. “A memória dos pobres é já por natureza menos alimentada que a dos ricos, tem menos pontos de referência no espaço, considerando que eles raramente saem do lugar que vivem, e têm também menos pontos de referência no tempo de uma vida uniforme e sem cor. É claro

que existe a memória do coração, que dizem ser a mais segura, mas o coração se desgasta com as dificuldades e o trabalho, esquece mais depressa sob o peso do cansaço” como disse o escritor francês **Albert Camus**.

Ao identificar as imagens, a criança está desenvolvendo um processo mental muito complexo. Ela não está perante o objeto, mas perante a sua representação. Ela reconhece e faz a correspondência entre algo que já viu e conheceu. E lê as imagens encontrando-lhes um significado.

Mesmo que ainda não domine a linguagem verbal ela aponta e dá nomes às coisas usando sons e onomatopéias.

Quando começam a aparecer, além dos objetos, as personagens – crianças ou animais antropomorfizados – interagindo com os objetos e vivendo situações que ela já viveu, ela identifica-se e projeta-se.

E de uma relação com o livro que até aqui tinha sido sobretudo lúdica, a criança passa a ter agora uma relação afetiva.

Mas, claro, todo este processo passa pela motivação do mediador – o que intermedeia a ligação entre o acervo passivo e o leitor ativo.

Muitas vezes as crianças até manuseiam os livros, seja em casa ou na escola. Só que, normalmente, estão sozinhas. E o papel do mediador que deveria ser motivador, apelativo, dinâmico, não acontece.

E é pena. Como crescer sem experimentar? Como criar o prazer da leitura sem ter alguém que partilhe esse gosto de ler? Como desenvolver as competências da criança de uma outra forma?

A criança chega e parte de cada vez que manuseia e lê o livro. Descobre e descobre-se.

Daniel Pennac fala que “mais instrutivos ainda do que os modos de tratar os livros, são os modos de o ler”.

E é esse o grande papel do mediador, quer sejam os profissionais de Educação, quer sejam os pais.

Ouçó muitas vezes os educadores queixarem-se que os pais – bem entendido os que têm trabalho, casa, algum poder económico, os minimamente leitores – compram livros de muita má qualidade para os seus filhos.

Mas os pais, com raríssimas exceções, será que tiveram formação na área da Literatura para a Infância?

Ouçó também que as escolas não dispõem de orçamento que complete a compra de livros, sobretudo para os bebês. Mas, tanto quanto sei, nessas mesmas instituições não faltam brinquedos, papel, lápis de cor, canetas de feltro, massa de modelar, vídeos, etc, etc, etc.

Será que todos nós defendemos a necessidade premente de livros logo na creche?

Quem melhor que os educadores sabe e pode ajudar a escolher e a aconselhar os pais e as instituições onde trabalham,

na compra de livros para a primeira infância?

Quantas creches e jardins de infância visitados por vendedores das editoras adquirem coleções inteiras, independentemente da qualidade dos livros? Acabam, sem se aperceber, por gastar mais dinheiro e impedem às crianças o acesso à diversidade de propostas e de estilos, quer no que se refere à ilustração, quer ao texto, desde muito cedo.

E os vendedores/editores vão-se aproveitando, e esse é o seu papel, da falta de tempo para escolhermos livros numa livraria e da falta de informação e critérios de seleção de muitos dos mediadores.

As nossas editoras ainda não traduziram, para a primeira infância, as excelentes obras que se produzem noutros países. Também não têm chamado os nossos melhores ilustradores que mostrariam, estou certa, aos meninos mais pequenos, as nossas referências.

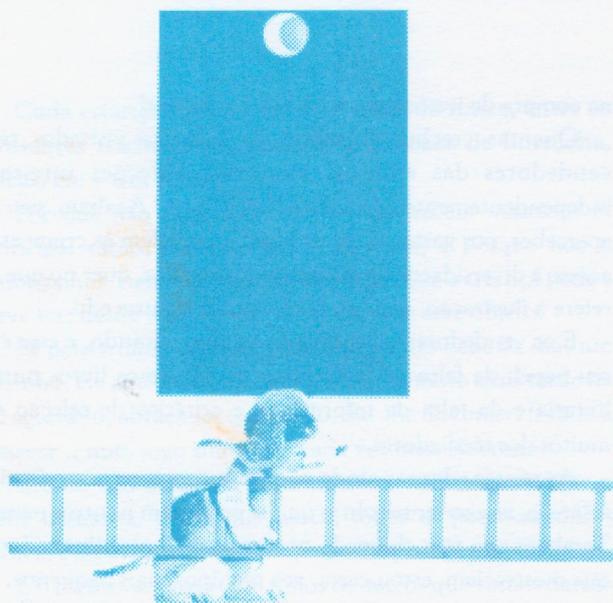
Apesar de no nosso mercado editorial não existir uma grande variedade, com qualidade, de livros para esta faixa etária, há, no entanto, algumas possibilidades de escolher uma pequena coleção diversificada.

E refiro-me a livros com ilustrações que falam de brinquedos, animais domésticos, cenas do quotidiano, com uma imagem única em cada página simples, legível, com fundo neutro para não confundir a percepção da criança, e com ou sem a palavra impressa. Livros que, inclusive, podem ser apresentados de uma outra forma, desdobrando-se e que permitem à criança dois tipos de leitura e de manuseio: como um livro normal e, abrindo, seguir as imagens que aparecem na frente e no verso de cada página. Livros com associações visuais acompanhadas por uma palavra ou um curto texto, que pode ou não ser rimado. Outros com situações mais intimistas, onde cada



FILO E MARIETA

Em 1983 Eva Furnari levou o Prémio com as divertidas bruxinhas *Filó e Marieta*.



NOITE DE CÃO

Humor e sensibilidade de *Noite de Cão* deram a Graça Lima o Prêmio de Melhor Livro Imagem em 1991.

criança pode reconhecer-se sem dificuldade com a cumplicidade de pais e educadores que interessados, simultaneamente, lhe vão lendo o texto. E há os livros surpresa, que são uma festa devido ao jogo permanente proposto: uma porta que se abre, uma cortina que se levanta, um balde de praia para explorar... permitindo, de uma forma diferente, uma relação constante entre signo visual e signo verbal. E os livros animados que se abrem, se desdobram e donde saem animais, objetos,

personagens? Outros há em que, através de um mecanismo muito rudimentar e razoavelmente resistente, adquirem movimento (cartão um pouco mais fino). E livros que são puzzles... e...

Mas, por muito que gostemos de uma determinada coleção, é preferível comprar só um título de cada para que a criança tenha possibilidade de contatar com a diversidade e a qualidade.

Acredito que um acervo selecionado é fundamental para desenvolver o prazer de ler.

A leitura da imagem, o ouvir ler o texto curto, o conversar sobre as ilustrações ajuda a estimular novas idéias e o domínio da língua.

Mas, infelizmente, ainda hoje o livro é visto como um auxiliar didático e pedagógico.

Se os nossos editores não se arriscarem a oferecer outras propostas aos meninos da primeira infância, dando-lhes, na maior parte dos livros, ilustrações pobres e textos muitas vezes mal traduzidos e incompreensíveis para as crianças até aos três anos, continuamos a menosprezá-las como seres incapacitados de pensar e estamos todos a ser mutilados. Perdemos permanentemente a possibilidade de treinar nossa capacidade de questionar os nossos critérios e, conseqüentemente, impedimos outros de crescerem usando e desenvolvendo as suas potencialidades.

“Caminante, no hay camino,
se hace al andar”

Antonio Machado

(poeta espanhol 1875-1939)

Por Maria José Sottomayor
in *Cadernos de Educação da Infância* n. 48. Lisboa, Portugal, 1998

Dica de Leitura

A mineira Angela Lago, autora de *Outra Vez* e *Cena de Rua*, ambos premiados pela FNLIJ, dá a dica deste mês para os leitores do *Notícias*.

“Parece que a Ética está voltando a moda. Tomara! Pelo menos tem sido um dos temas de diversos encontros de literatura. Para colaborar com a discussão, vou sugerir aos jovens, não um livro, um conto apenas: *A Igreja do Diabo*, do *Histórias sem data*. Mas é bom afiar a lógica e argumentações. O Diabo descrito por Machado de Assis é mesmo o diabo. Quando resolve pregar seus mandamentos, é danado de persuasivo. Diz que a avareza é a mãe da economia, com a diferença que a mãe é robusta e a filha nem tanto. E que a inveja é origem de prosperidades infinitas. No auge do discurso pergunta porque não se pode vender opinião ou voto, se você pode vender seu chapéu, coisa externa a você e, de alguma forma, menos sua. Vai por aí afora, até o desfecho genial da narrativa. Tenho certeza que, além de diversão segura, este conto pode render algumas reflexões.”

Angela Lago

RECOMENDAÇÕES

Neste número trazemos sugestões de livros infantis e juvenis para o Natal.

Candido Portinari. Nereide Schilaro Santa Rosa. São Paulo: Moderna, 1999. 32p. (Mestres das Artes no Brasil).

A vida e a obra de Portinari são aqui apresentadas, assim como as influências de outros artistas sobre ele. Há um destaque para os aspectos culturais observados em suas pinturas, mostrando como o artista estava comprometido com nosso país. Reproduções de pinturas e desenhos são acompanhados de texto que vai comentando o processo de criação de Candinho, como era conhecido o artista.

Cézanne. Antony Mason. Trad. de Nadine Trzmielina. São Paulo: Callis, 1999. 32p. *Matisse*. Antony Mason. Trad. de Nadine Trzmielina. São Paulo: Callis, 1999. 32p.

Mais duas obras da Coleção Artistas Famosos que apresenta aos leitores textos e ilustrações sobre a vida e a obra de grandes pintores e escultores. São mostrados os principais trabalhos de cada artista, bem como curiosidades e informações que enriquecem o conhecimento das crianças e jovens. É um bom caminho para a aproximar a criança da arte.

20.000 léguas submarinas. Júlio Verne. Adap. de Ron Miller. Il. de Paul Wright. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999. 64p. *O médico e o monstro*. Robert Louis Stevenson. Adap. de Michael Lawrence. Il. de Ian Andrew. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999. 64p. *Robinson Crusoe*. Daniel Defoe. Il. de Julek Heller. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999. 64p.

Três obras da literatura universal foram publicadas pela Companhia das Letrinhas em edição cuidada. Ilustrações e reproduções de fotografias acompanham os textos, que foram adaptados no caso de *20.000 léguas submarinas* e *O médico e o monstro* e reproduzem as cidades da época. São histórias clássicas, que trazem aventuras, naufragos, solidão e terror, envolvendo o leitor em valores tão universais como a coragem, o poder, a ira... Boa leitura para crianças e jovens nas férias.

A Cama. Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Agir, 1999. 172p. *Feito à mão*. Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Agir, 1999. 112p. *O Rio e Eu*. Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999. 72p.

A premiada autora Lygia Bojunga acaba de lançar três obras que podem ser lidas por jovens e por professores, especialmente as autobiográficas *Feito à mão* e *O Rio e Eu*. Este último é uma declaração de amor da autora à cidade. *A Cama* é um romance que envolve muitos personagens e seus conflitos e crises de identidade. *Feito à mão* foi publicado com pequena tiragem em 1996 e agora está acessível ao grande público. Em todos nota-se uma escrita comprometida com o fazer artístico e um diálogo permanente com o leitor.

Maria Dengosa. Luiz Raul Machado. Il. de Marilda Castanha. Belo Horizonte: Formato, 1999. 28p.

Esta é uma espécie de versão feminina da obra *João Teimoso* de Luiz Raul. A relação de uma menina com sua boneca é narrada em linguagem poética, que fala das fantasias da criança. As ilustrações de Marilda Castanha traduzem a ludicidade presente em toda a história. Em pequenos capítulos, o escritor aborda os medos e as dúvidas da infância.

A galinha vermelha: seis histórias de bichos. Max Vethuijs. Il. do autor. Trad. de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 160p.

Nesta obra estão publicadas seis histórias do escritor e ilustrador Max Vethuijs, cujos personagens são bichos, que facilitam a identificação das crianças. *Barulho demais* foi publicada anteriormente em um volume separado. Conflitos e diferenças entre os bichos são explorados pelo autor, sem apelos moralistas nem didatismo. As cores fortes dos desenhos acentuam a vivacidade das histórias, indicadas para crianças que começam a ler.

Ludi na revolta da vacina - uma odisséia no Rio Antigo. Luciana Sandroni. Il. de Humberto Guimarães. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999. 96p.

Prêmio Carioquinha da Prefeitura do Rio de Janeiro, em 1998, este novo livro de Luciana Sandroni transporta a criança ao Rio de Janeiro do começo do século. É reconstituído um importante momento da história do Brasil, quando houve um movimento popular contra a vacina obrigatória. A linguagem lúdica envolve o leitor pelas ruas da então capital do País. Ilustrações em preto e branco trazem imagens dos personagens e de situações da época.

A alma do urso. Gustavo Bernardo. Il. de Ana Raquel. Belo Horizonte: Formato, 1999. 56p.

Aventura e infortúnios envolvem um navegador e seu companheiro de viagem, o urso, nesta história que resgata a memória dos personagens. O autor, conhecido pela obra *Pedro Pedra*, aqui conduz a criança/o jovem pelos caminhos frágeis da existência humana. É no confronto com a vida e a morte que o leitor vai construindo sua própria história. Ilustrações que reproduzem fotografias também remetem ao passado.

Série caixa-encaixa. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999. 8v.

Oito volumes fazem parte desta série especial para bebês: *Escola, Natal, Ferramentas, Comida, Rodas, Brinquedos, Fazenda e Hora de dormir*. Trazem perguntas diretas sobre objetos e situações da vida das crianças, com miniaturas para serem encaixadas nas figuras dos objetos. Ao trabalhar a forma das figuras, estimula o olhar da criança para a imagem - tão importante na leitura de um livro!

Teatro. Raquel Coelho. Il. da autora. Belo Horizonte: Formato, 1999.n.p. (No caminho das artes)

Texto e ilustração de Raquel Coelho contam para as crianças a origem e a história do teatro. A linguagem direta transforma informações em um diálogo com o leitor. É um livro gostoso de ser lido e manuseado, podendo conhecer as manifestações teatrais em vários países. Destaque para as ilustrações que trazem cenários montados com bonecos e objetos.

O que sabemos sobre o budismo? Anita Ganeri. Trad. de Helena Gomes Klimes. São Paulo: Callis, 1999. 48p. (O que sabemos sobre).

Mais um volume da coleção "O que sabemos sobre", que se dedica a dar informações sobre diferentes religiões. Aqui o budismo é mostrado à criança e ao jovem em textos e ilustrações, que podem ser lidos ou consultados para pesquisas. É uma possibilidade de se compreender melhor as diferenças sócio-culturais dos povos, exatamente por explicar as tradicionais religiões.

Ninfa Parreiras

MANTENEDORES DA FNLIJ

Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Ave Maria, BCD União de Editoras, Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, Casa Publicadora, CBL, Cia. das Letrinhas, Clínica Ênio Serra, Compór, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Encyclopaedia Britannica do Brasil, Exped, Formato, FTD, Global, Editora Globo, Gryphus, Hamburg Donneley Gráfica, José Olympio, Letras e Letras, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nestlé, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Relume-Dumará, RHJ, Rideel, Rocco, Salamandra, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Villa Rica.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers •

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Rúbia Mazzini • Estagiária: Thiene Barreto • Revisão: Rúbia Mazzini • Diagramação: Marcelo Ribeiro

GESTÃO 1998-2001 • Conselho Curador: Altair Ferreira Brasil, Ana Lygia Medeiros, José Bantim Duarte, Lília Maria Alves, Maria Antonieta Antunes Cunha, Rafael de Almeida Magalhães • Conselho Diretor: Laura Sandroni, Marcos Pereira, Regina Bilac Pinto (presidente) • Conselho Fiscal: Celina Rondon, Henrique Luz, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Marcio Tavares d'Amaral, Regina Lemos, Terezinha Saraiva. • Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Claudio Mendonça, Ezequiel Theodoro da Silva, Edmir Perrotti, Ferdinando Bastos de Souza, Geraldo J. Pereira, Helena Rodarte, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e
receba mensalmente Notícias.
Tel.: (21) 262-9130
e-mail: fnlij@ax.apc.org
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (021) 262 9130 fax: (021) 240 6649 e-mail: fnlij@ax.apc.org